



Veredas atemática

Volume 17 nº 2 - 2013

“A esperança venceu o medo”, do acontecimento histórico ao acontecimento discursivo: um percurso, múltiplos sentidos

Marilena Inácio de Souza (UNEMAT)

RESUMO: Este estudo toma como objeto a manifestação discursiva do enunciado “a esperança venceu o medo” na mídia contemporânea brasileira. Sem a pretensão de delimitar todos os sentidos que o referido enunciado põe a circular, porque a cada nova mobilização, os sentidos são historicizados de outra maneira, este estudo assume uma dupla tarefa: por um lado, busca dar conta de um dado particular de unidade não-tópica do tipo percurso. Por outro, busca descrever e analisar o funcionamento linguístico-discursivo de suas constantes manifestações nos discursos midiáticos. Ancorados na Análise de Discurso de orientação francesa, mostramos que o referido enunciado ultrapassa não só a fronteira do discurso político (lugar de origem), mas também as fronteiras do tempo e do espaço, suscitando, ao longo de sua mobilização midiática, tensões de todas as ordens.

Palavras -chave: percurso; acontecimento discursivo; efeito de sentido.

Introduzindo a questão

Há algum tempo, tenho me interessado por estudar um fenômeno linguístico-discursivo muito recorrente na imprensa contemporânea brasileira: trata-se da circulação de

“pequenas frases¹” isoladas de seus contextos e co-textos originais. Tal fenômeno atraiu os meus olhares não só em razão de sua evidente circulação, mas, sobretudo, porque concentra questões de natureza não estritamente linguísticas, mas da ordem dos discursos. As “pequenas frases” estão presentes em, praticamente, quase todos os tipos de comunicação midiática. Para apreendê-las, basta lançarmos o olhar para os textos divulgados nas grandes mídias. São inúmeros os casos em que elas se impõem a serem lidas, geralmente, figuram como frases da semana, manchetes, títulos e subtítulos de artigos e/ou reportagens. Foi, em boa medida, observando a manifestação midiática desse tipo de enunciado, que me deparei com a proliferação de “a esperança venceu o medo” e me interessei por estudar o seu funcionamento.

Uma pesquisa no *Google* demonstrou mais de 1.500.000 (um milhão e quinhentas mil²) ocorrências da “pequena frase” “a esperança venceu o medo”, desde a sua provável irrupção, no texto do primeiro pronunciamento do então presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva-PT, em 27 de outubro de 2002, até os dias atuais. Com o objetivo de compreender melhor esse fenômeno, selecionei, para este estudo, algumas ocorrências, cujas manifestações compreendem não só a vitória do candidato petista, mas também uma série de acontecimentos históricos, tais como: o aumento da produtividade da Petrobrás, em 2003; a prisão de Maluf, em 2005; o escândalo do mensalão, em 2005; o efeito Lula sobre a imprensa, em 2006; o estado de saúde do ex-vice-presidente José Alencar, em 2010; a eleição de Dilma Rousseff, em 2010; os 100 primeiros dias de mandato da presidente Dilma; o fim do tratamento contra o câncer e a volta de Lula à política, em 2012; a deliberação do Congresso Nacional sobre o sistema de cotas para as universidades, em 2012, só para citar alguns exemplos.

O problema teórico-metodológico que tais dados colocam será tratado, aqui, a partir da delimitação da unidade de pesquisa que julgo pertinente analisar, a saber, uma unidade não-tópica do tipo percurso (MAINGUENEAU, 2010). Definir o *corpus* como uma unidade de pesquisa do tipo percurso torna-se crucial para este estudo, pois permite demonstrar a circulação da “pequena frase” “a esperança venceu o medo” em diversos campos e lugares discursivos, ao longo de sua mobilização midiática. Além disso, evidencia que os discursos, por mais que se enquadrem em certos contornos, sempre acabam por mostrar que são, de fato,

¹ Este termo é, aqui, mobilizado no sentido de Krieg-Planque e Caroline Ollivier-Yaniv (2011). Ao estudarem a presença de “pequenas frases” no contexto midiático francês, as autoras observaram que os profissionais da mídia e os profissionais políticos têm tendência a fabricá-las para vê-las retomadas e comentadas. Elas são tipicamente usadas para caracterizar os discursos de líderes políticos. Neste contexto, os atores políticos as utilizam normalmente sobre o modo da lamentação ou do encargo. Elas podem ser vistas ainda no modo de “propaganda”, “língua de madeira” ou o mais recente “buzz”. As “pequenas frases” comportam um repertório abundante de avaliação e qualificação pejorativas nas práticas discursivas em que se realizam. Para as autoras, o trabalho de “pequenas frases” atesta a existência de rotinas que consistem em selecionar e distinguir um fragmento de discurso, sem que as regras e as condições deste processo sejam explicadas. Assim, as “pequenas frases” podem ser utilizadas para designar um conjunto heterogêneo de fenômenos. Ou seja, podem descrever fragmentos do discurso, mais ou menos evidentes, que são objetos de comentários nos meios de comunicação, especialmente por conta do seu carácter notável ou polêmico. Outras palavras podem ser utilizadas para classificar fenômenos aparentemente equivalentes: “frase do dia”; “frases da semana”; “frases do ano”; “frase choque”; “declaração”. Comparado a esses termos, as “pequenas frases” funcionam, sem dúvida, para avaliar as alterações da atividade e discursos políticos.

² Uma análise sistemática de parte dessas ocorrências pode ser vista em minha Tese de Doutorado, *A pequena frase “a esperança venceu o medo” na imprensa cotidiana brasileira: uma leitura discursiva*.

objetos heterogêneos e um tanto “rebeldes”. Isso explica o fato de não podermos cercar, tampouco delimitar os sentidos do enunciado em estudo, muitas de suas manifestações resultam de injunções históricas e inconscientes, das quais, às vezes, só após algum tempo de sua “acontecimentalização” discursiva é possível fazer uma interpretação pertinente.

Assim, para compreender a dinâmica da “pequena frase” “a esperança venceu o medo”, é necessário considerá-la em seu duplo funcionamento: o linguístico e o discursivo. A articulação entre esses dois “planos” leva ao modo de como a referida sequência discursiva afeta e/ou consolida e/ou modifica a mecânica da constituição das redes de filiações de sentido. Sem a pretensão de delimitar todos os sentidos que as ocorrências dessa “pequena frase” põem a circular, porque a cada nova manifestação os sentidos se dão a ler diferentemente, este estudo assume uma dupla tarefa: por um lado, tenta dar conta de um dado particular de unidade não-tópica do tipo percurso (as distintas manifestações midiáticas da “pequena frase” “a esperança venceu o medo”); por outro, busca descrever e analisar o funcionamento linguístico-discursivo de suas constantes manifestações discursivas no contexto midiático brasileiro.

O caminho percorrido pela “pequena frase” “a esperança venceu o medo” me leva a interpretá-la como sendo um enunciado dialógico, prenhe de sentidos. Em sua materialidade linguística, encontra-se a presença do interdiscurso (MAINGUENEAU, 2005) que, nesse caso, em particular, pode se referir ao discurso do “medo” *versus* o discurso da “esperança”. Esse discurso que se constitui na “anterioridade” e na “exterioridade” discursiva orienta/delimita os sentidos dados a ler. Seu efeito é o da seleção, refutação, afirmação, confirmação de saberes etc., a depender das posições-sujeito inscritas no seio de uma dada conjuntura. Longe de esgotar as questões que essa problemática engendra, o percurso seguido busca descrever e interpretar os sentidos colocados em jogo pelas posições-sujeito nas diversas formações discursivas nas quais o referido enunciado se realiza.

1. Sobre a produção de sentidos no discurso presidencial: um olhar interdiscursivo

A irrupção da “pequena frase” “a esperança venceu o medo” está diretamente associada ao acontecimento histórico da eleição presidencial do candidato petista, Luiz Inácio Lula da Silva (doravante Lula), que ocorreu no dia 27 de outubro de 2002. Em seu primeiro pronunciamento, que durou cerca de cinco minutos, Lula falou para uma plateia de 300 (trezentas) pessoas (jornalistas e militantes), no hotel Intercontinental, em São Paulo³. Em poucas palavras, o presidente eleito agradeceu a todos que o apoiaram, bem como afirmou que governaria para todos e não apenas para aqueles que o elegeram. Lula elogiou seus “companheiros” de partido derrotados nas eleições: José Genoíno, que concorreu ao governo de São Paulo, e Benedita da Silva, que tentava a reeleição pelo Rio de Janeiro. Lula também agradeceu ao vice-presidente eleito, José de Alencar (PL), e finalizou o breve pronunciamento com a frase que sintetiza a fase final da disputa entre ele e Serra:

³ O pronunciamento de Lula foi ao ar, em Cadeia Nacional de Televisão, na noite de 27 de outubro de 2002. Ver o pronunciamento na íntegra no *site* <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u41590.shtml>

Por fim, eu quero dizer pra vocês que **o Brasil está mudando em paz e, mais importante, a esperança venceu o medo e hoje eu posso dizer para vocês que o Brasil votou sem medo de ser feliz**. Por último, eu quero agradecer a essa extraordinária figura. Eu não vou elogiar os meus dirigentes, que estão aí. (...). (LULA, 27/10/2002, grifos meus)

No momento em que Lula fez esse pronunciamento, o Brasil vivia, de fato, a tensão entre a “esperança” e o “medo”. Por um lado, grande parte da população brasileira ansiava por mudanças nas diretrizes políticas e econômicas, por outro, tinha medo do desconhecido. O período pós-ditadura, seguido da eleição presidencial de Fernando Collor-PRN, em 1989, que culminou, dois anos mais tarde, em seu *impeachment*, foram, em certa medida, responsáveis por nutrir, durante muito tempo, o sentimento de medo na vida dos brasileiros.

Depois do confisco da poupança pelo governo Collor e de seu *impeachment*, rescendia em grande parte da população brasileira um sentimento de medo. Muitos brasileiros acreditavam (em razão de todo um imaginário sócio-historicamente construído pela mídia), que se o PT vencesse as eleições, perderiam suas propriedades particulares (casas, fazendas) em prol de uma sociedade mais igualitária, outros tinham medo das greves “desmedidas”. Havia ainda aqueles que acreditavam no ateísmo de Lula e tinham “medo” de que Lula mandasse fechar todas as igrejas evangélicas, caso fosse eleito. Sem contar, é claro, do “medo” da falta de experiência política e da falta de escolaridade do candidato petista. Contra o discurso do “medo”, Lula ofereceu o discurso da “esperança”.

Vale lembrar que o discurso do medo não esteve presente apenas na eleição de 1989, criado e (retro)alimentado pela mídia, ele foi se tornando cada vez forte, ganhando, ao longo de cada uma das campanhas eleitorais disputadas por Lula, mais adeptos. É, assim, que ele se inscreve nos Programas Eleitorais Gratuitos de TV (doravante HEGTV), de oposição, nas eleições de 1994, 1998 e 2002. Em todas essas campanhas, a mídia explorou massivamente o discurso do medo, mas, foi, sobretudo, na eleição presidencial de 2002, que ele ganhou força de expressão, principalmente, porque foi alimentado por renomados artistas da rede Globo de Televisão, dentre eles, destacam-se Regina Duarte, Carlos Vereza e Beatriz Segall:

Estou com medo. O Brasil corre o risco de perder a estabilidade. Não dá para jogar tudo na lata do lixo. O Serra, eu conheço: é o Serra dos genéricos [...]sei o que vai fazer. O outro, eu achava que conhecia. Agora, não reconheço mais. **Isso dá medo na gente. Medo da inflação desenfreada de 80% ao mês[...].** (DUARTE, R. HEGTV, 15/10/2002, grifos meus)

O Serra não é o candidato do ódio e **do medo**. Uma parcela significativa da **população tem medo e eu estou com medo também**. Uma biografia não pode ser transformada e reescrita em seis meses. Lula, há seis meses, era contra tudo que agora difunde. Deixo aqui minha solidariedade a Serra e a Regina Duarte”. (VEREZA, C. HEGTV, 17/10/2002, grifos meus)

[...] **Eu tenho medo. Medo de não poder dizer que estou com medo. Tenho medo** de alguém que recorre às ofensas pessoais e profissionais, como último reduto da falta de argumentos. **Mas, não tenho medo** das atrizes mais jovens”. (SEGALL, B. Jornal ZH, 19/10/2002, grifos meus)

Ao proferir que “a esperança venceu o medo”, o sujeito enunciador (Lula) faz vir à tona, no espaço da memória, vários discursos com os quais dialoga, aos quais polemiza. Em especial, responde ao discurso do “medo”, visível nas declarações representadas acima. Tais discursos se inscrevem na materialidade linguística de “a esperança venceu o medo”, e, assim, orientam os sentidos, delimitam trajetórias, mas não são os únicos. O *slogan* de campanha do PT em 1989, “Sem medo de ser feliz: vote Lula!”, ou, ainda, a vinheta, “Lula Lá, brilha uma estrela, Lula lá, cresce a esperança”, também são responsáveis por sua constituição. Todos esses discursos estão, de alguma forma, no “DNA” do enunciado em análise.

Cabe observar que a presença da preposição “sem” que antecede o substantivo “medo” no *slogan* “Sem medo de ser feliz...” produz sentidos completamente diferentes aos dados a ler nas declarações dos artistas, transcritas acima. Nos discursos anti-PT, a palavra “medo” é mobilizada para alertar a população brasileira a não votar em Lula, a ter “medo” do “desconhecido”. Ao passo que, no *slogan*, devido à preposição que a antecede, seu sentido é totalmente o oposto: trata-se de encorajar a população brasileira a apostar na mudança, isto é, a votar em Lula. A felicidade aparece aí relacionada à ausência do medo de Lula. A vinheta de campanha, “Lula-lá, brilha uma estrela. Lula-lá, cresce a esperança”, também corrobora esse sentido. Aqui, a palavra “esperança” se associa ao desejo de ver Lula eleito o presidente do Brasil. Juntos, o *slogan* e a vinheta buscam combater o discurso do medo alimentado pela mídia, durante a campanha eleitoral. Em outros termos, quando proferidos a favor de Lula, tais enunciados compartilham os mesmos sentidos: buscam encorajar a população brasileira a votar em Lula. Ou, dito de outro modo, com Lula cresce a “esperança”, e o povo vota “Sem medo de ser feliz”.

Os discursos do “medo” e da “esperança” se inscrevem na formulação do enunciado “a esperança venceu o medo”, orientando/delimitando os sentidos dados a ler. Intrínsecos à formulação, eles se deixam flagrar na interdiscursividade e, dessa forma, denunciam o posicionamento do sujeito enunciador. Isso implica dizer que o enunciado em questão abriga sentidos já construídos, delimitados no espaço discursivo. Ele responde a esses discursos, e, assim, coloca em evidência os aspectos sócio-históricos de sua constituição.

Essa dialogicidade, própria do discurso, se repete ao longo da história e pode ser vista em diferentes acontecimentos. Ela se inscreve na materialidade linguística de “a esperança venceu o medo” e possibilita a irrupção de novos sentidos ou que sentidos “já ditos” sejam atualizados, é o caso, por exemplo, de sua atualização no acontecimento histórico do segundo Pronunciamento de Lula⁴, em 28 de outubro de 2002:

Ontem, o Brasil votou para mudar. **A esperança venceu o medo e o eleitorado decidiu por um novo caminho para o país.** Foi um belo espetáculo democrático que demos ao mundo. Um dos maiores povos do planeta resolveu, de modo pacífico e tranquilo, traçar um rumo diferente para si. (LULA, 28/10/2002, grifos meus)

ou, ainda, do Discurso de Posse⁵ do então presidente da República, em janeiro de 2003:

⁴ O Pronunciamento Oficial de Lula foi ao ar, em Cadeia Nacional de Televisão, no dia 28 de outubro de 2002. Ver o Pronunciamento na íntegra no site <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u41735.shtml>.

⁵ O Discurso de Posse do presidente Lula foi ao ar, em Cadeia Nacional de Televisão, no dia 01 de janeiro de 2003. Ver o discurso na íntegra no site <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u44358.shtml>.

Companheiros e companheiras, ‘mudança’; esta é a palavra chave, esta foi a grande mensagem da sociedade brasileira nas eleições de outubro. **A esperança finalmente venceu o medo e a sociedade brasileira decidiu que estava na hora de trilhar novos caminhos.** (LULA, 01/01/2003, grifos meus)

Nos dois casos, o interdiscurso orienta e dá sentido ao discurso de Lula. Os discursos produzidos alhures se inscrevem na materialidade tanto de “a esperança venceu o medo” quanto de “a esperança finalmente venceu o medo”, garantindo a estabilidade e o sentido do que é dito. Não se trata de uma sequência qualquer, mas de uma sequência margeada/povoada por outros discursos. Discursos esses que o sujeito enunciador dá como sendo de conhecimento público: o advérbio “finalmente” presente na materialidade linguística de “a esperança finalmente venceu o medo” põe em questão a longa luta contra o discurso do “medo” e destaca a vitória da “esperança”. Para Lula e seus adeptos, a “esperança” finalmente teria vencido o “medo”: “medo” do radicalismo e da militância do PT, em 1989; “medo” da inexperiência política e da falta de um título universitário, em 1994 e 1998; “medo” da instabilidade político-econômica, da “inflação desenfreada” e do desemprego, em 2002.

A enunciação de Lula, sem dúvida, recupera esses discursos, mas não faz isso explicitamente, apenas põe em evidência marcas linguísticas que permitem a adesão aos discursos “já-ditos”. Trata-se dos termos “esperança” e “medo”, massivamente explorados durante as campanhas eleitorais disputadas pelo então presidente. Logo, para compreender a essência da enunciação de Lula, é necessário ir além da materialidade linguística, ou, dizendo de outro modo, é necessário remetê-la às suas condições de produção e resgatar, no seio histórico-discursivo de sua irrupção, os discursos “anteriores” e “exteriores” com os quais ela dialoga, isto é, mantém relações de aliança, apoio mútuo, como é o caso do *slogan* “Sem Medo de Ser Feliz: vote Lula!” (1989), ou no caso de uma relação polêmica, de rejeição e combate, como em “Estou com medo...” (declaração dos artistas, Regina Duarte, Beatriz Segall, Carlos Vereza, entre outros).

À luz do conceito de interdiscurso (MAINGUENEAU, 2005), é possível observar que o enunciado “a esperança finalmente venceu o medo” se constituiu num espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos (“estou com medo...”; “isso dá medo na gente”; “o Serra não é o candidato do medo...”; “Sem medo de ser feliz: vote Lula!”; “Lula-lá, brilha uma estrela. Lula-lá, cresce a esperança”). É no interdiscurso que o sujeito enunciador “busca” os enunciados que incorpora no intradiscurso. Ou seja, esse enunciado se constitui a partir da retomada de vários outros discursos com os quais polemiza ou mantém um elo. Ele rompe, por meio da lembrança de uma fórmula, o ritual que preside à enunciação de um discurso político como um efeito de memória na atualidade de um acontecimento sob a forma de um retorno da contradição nas formas do diálogo.

A enunciação de Lula apela para a memória, seja a uma memória discursiva, que constata certa relação entre enunciados, ou a uma memória (lembranças) de sujeitos, eleitores ou cidadãos. Não se trata de uma “memória individual”, mas aquela que entrecruza os sentidos da memória mística, da memória social, inscrita em práticas e da memória construída do historiador. No entendimento de Pêcheux (1999), a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os pré-construídos, os elementos citados e relatados, os discursos transversos etc., de que sua leitura necessita: “a condição do legível em relação ao próprio legível”. Ela evoca uma espécie de arquivo, na

medida em que retoma discursos “já ditos” e os coloca a circular na horizontalidade do discurso, tal como captados pela memória discursiva. A memória visa, dessa forma, a “discursos que originam um certo número de novos atos, de palavras que os retomam, os transformam ou falam deles, enfim, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer.” (FOUCAULT, 2006, p.22).

A noção de *domínio de memória*, tal como reformulada por Courtine (2009), torna menos opaco o que estou falando. Para este autor, o domínio de memória

é constituído por um conjunto de sequências que preexistem à sdr, no sentido em que algumas formulações determináveis na sequencialização intradiscursiva que a sdr realiza (que nomearemos ‘formulações de referência’) entram com formulações que aparecem nas sequências discursivas do domínio de memória, em redes de formulações a partir das quais serão analisados os efeitos que a enunciação de uma sdr determinada produz no interior de um processo discursivo (efeitos de lembrança, de redefinição, de transformação, mas também efeitos de esquecimento, de ruptura, de denegação, do já dito. (COURTINE, 2009, p. 111-2.)

Essa tese me permite afirmar que há na base do enunciado “a esperança venceu o medo” discursos outros sobre os quais ele se sustenta. Para trazer à tona esses discursos, é extremamente pertinente submeter o referido enunciado ao conceito de pré-construído. Encontra-se aí, o que Courtine (2006) chama de “formulações origem”. Em “a esperança venceu o medo”, a “formulação origem” tanto pode ser representada por meio do enunciado “Estou com medo” quanto por meio do *slogan* “Sem medo de ser feliz” que, por sua vez, também ressoa/movimenta outros discursos. Entre essas formulações e os discursos que elas retomam, descobre-se sob a imediatez de uma lembrança, sob a anulação da distância interdiscursiva que constitui os efeitos imaginários próprios do discurso direto, toda espessura de citações e remissões.

Vale lembrar que as remissões se interpõem entre o “desnível do texto primeiro (...), sua permanência que funda uma possibilidade aberta de falar”, e o texto que cita. (FOUCAULT, 2006, p. 24, 5), ou, como prefere Courtine (2006):

as formulações-origem derivam, assim, num trajeto complexo no seio da espessura estratificada da formação discursiva; durante o percurso, elas se transformam, se entrecortam, se escondem, para ressurgir adiante; por vezes se esfumam e desaparecem. (COURTINE, 2006, p. 91)

A deslinearização do enunciado “a esperança venceu o medo” é, sem dúvidas, essencial a este estudo. Ela permite restituir sob a superfície lisa das palavras a profundidade complexa dos índices de um passado. O desdobramento de sua forma linguística permite recuperar os discursos “já ditos” e, conseqüentemente, estabelecer relações entre o “dito” e o “já lá”. Há na formulação do referido enunciado um discurso organizado sob a forma de memória, de uma estruturação do enunciado que liga todo o acontecimento a uma interpretação, já produzida, relacionando toda fala à citação de um enunciado anterior, a um estado passado em que o discurso primeiro foi construído. Em outros termos, o enunciado “a esperança venceu o medo” se inscreve em um processo discursivo que o determina, sob a forma dos elementos pré-construídos, isto é, produzidos em outros discursos anteriores a ele e independentemente

dele, que, se reproduzem por ele sob a determinação do interdiscurso. Assim, a enunciação de “a esperança venceu o medo” é, no contexto que a promoveu, a memória das linhas unitárias de um discurso primeiro, um discurso inscrito nas práticas discursivas políticas. Por meio dessa memória, é possível resgatar, no encadeamento interdiscursivo, a sua “formulação-origem”. Isso porque

cada discurso particular é, na ordem da citação absolutamente, ao mesmo tempo, instauração de um estreito lugar com seu domínio de memória: (...) e, simultaneamente, trabalho seletivo, opaco, de deslinearização, de bloqueio e de apagamento. Se o discurso é um lugar de memória é porque ele traz o vestígio, inscrito nas suas formas, das flutuações e das contingências de uma estratégia; a impressão sedimentada de uma história, de suas continuidades e de suas rupturas. (COURTINE, 2006, p. 91-2)

Além da memória de uma organização, o enunciado “a esperança venceu o medo” se pretende ainda depositário de toda uma comunidade de fala. Ele é seu patrimônio verbal, “a herança das lutas” conduzidas em seu nome, a recolha de um saber dos combates travados e da experiência adquirida. O discurso torna-se legítimo por falar em nome da história. O histórico e o linguístico formam uma rede de significância, tecida de ambiguidades, de repetições, de equívocos, conflitos etc. O interdiscurso é chamado a significar, tornando-se operante no plano da textualização da memória discursiva. Isso atesta o fato de que,

os discursos não se constituem enquanto uma unidade autônoma para depois estabelecerem conexões com uma exterioridade, mas eles já nascem inter-relacionados. Isso significa que os discursos não se constituem independentemente uns dos outros, para serem, em seguida, postos em relação, mas que eles se formam de maneira regulada no interior de interdiscurso. (MAINGUENEAU, 2005, p. 21)

De fato, o enunciado “a esperança venceu o medo” não irrompe independentemente de suas condições de produção. A deslinearização desse enunciado permite restituir sob a superfície lisa das palavras a profundidade complexa dos índices de um passado. O desdobramento de suas formas permite identificar, na linha intradiscursiva, os discursos que lhe vieram habitar. Há em sua materialidade linguística um discurso organizado sob a forma de memória, de uma estruturação do enunciado que liga todo o acontecimento a uma interpretação já produzida, relacionando toda fala à citação de um enunciado anterior, a um estado passado em que o discurso dado a ler foi construído. Ou seja, o enunciado “a esperança venceu o medo”, quando examinado nas discursividades que, ao mesmo tempo, o organizam e o refletem, inscreve-se numa memória do texto aprendido, da posição sabida, do verso repetido. Essa memória, por sua vez, tende a conjurar os acasos do discurso pela reiteração do idêntico, pelo eterno retorno do mesmo. Ela privilegia as formas discursivas da repetição (citação, recitação, comentário), e os mecanismos linguísticos da ligação, do encaixamento e do encadeamento.

Essas propriedades discursivas são, em boa medida, responsáveis pelas constantes retomadas desse enunciado em diversos gêneros discursivos, ao longo de sua mobilização

mediática. Desde que foi proferida por Lula, em seu primeiro pronunciamento, “a esperança venceu o medo” não parou de circular, fosse à forma de manchetes, títulos e subtítulos de artigo, fosse à forma de enunciados destacáveis produzidos por diversas posições-sujeitos nos mais diferentes gêneros discursivos. Essa constante mobilização põe em circulação diferentes efeitos de sentidos, isto é, o referido enunciado significa, ao longo do tempo, acontecimentos de ordens diversas. Isso implica dizer que a “pequena frase” em questão não está atrelada ao texto de origem, ao contrário, ela se descola dele para significar/interpretar, em outros campos e práticas discursivas, novos acontecimentos. A seguir, busco apresentar de que maneira isso vem ocorrendo, bem como quais os efeitos de sentidos possibilitados por meio de estratégias discursivas criadas/movimentadas pelo sujeito enunciativo.

1.1. Do discurso presidencial à circulação em outros textos: “a esperança venceu o medo” e a estabilização/ desestabilização de sentidos

Não podemos negar que o enunciado “a esperança venceu o medo” se inscreve na história, representando metonimicamente o evento da eleição de Lula em 2002. Sua inscrição no discurso presidencial provoca, ao longo do tempo, a irrupção de novos discursos que, às vezes, surgem de imediato, caso de inúmeras manchetes e títulos de artigos que retrataram a vitória de Lula, logo após o pronunciamento presidencial, tais como:

- 01- “A esperança venceu o medo, diz Lula em pronunciamento em SP”;⁶
- 02- “A esperança venceu o medo, diz Lula – Imprensa”;⁷
- 04- “A esperança venceu o medo”;⁸
- 05- “Complexo de vira-latas: a esperança venceu o medo, parabéns Lula”;⁹
- 06- “Lula 2002- O dia que a esperança venceu o medo”;¹⁰
- 07- “Lula: a esperança venceu o medo”;¹¹

Outras vezes, demoram um pouco para se fazerem ouvir: o destaque enunciativo da revista *Veja*, edição de 06 de junho de 2005, e a declaração do deputado Moroni Torgan, do PFL, na CPI dos Correios, em 20 de junho de 2005, sobre o escândalo do mensalão, por exemplo, surgem em resposta polêmica ao discurso de Lula, quase quatro anos depois de sua irrupção:

- 08- “Se a **esperança venceu o medo**, hoje a **corrupção matou a esperança**”. (VEJA, 06/06/2005, grifos meus)
- 09- “... a **esperança venceu o medo**, mas eu nunca esperava que a **corrupção fosse vencer a esperança** [...] eu queria que a **esperança vencesse o medo**. Eu queria mesmo, queria muito. Eu

⁶ Manchete de jornal, www.1folha.uol.com.br, 27/10/2002;

⁷ Manchete de jornal Ulo Notícias www.noticias.uol.com.br, 28/10/2002

⁸ Título de artigo, *site* Samba e Choro. www.samba-choro.com.br, 28/10/2002;

⁹ Título de artigo, www.recantodasletras.com.br, 28/10/2010;

¹⁰ Chamada principal do vídeo divulgado no YouTube www.youtube.com, 28/10/2002;”

¹¹ Título de artigo, www.apropuc.org.br, 28/10/2002.

não queria que **a corrupção estivesse vencendo a esperança...**” (MORRONI, T. CPI dos Correios, 20/06/2005, grifos meus)

O reaparecimento do enunciado em destaque tem a ver diretamente com a explosão midiática do escândalo do mensalão¹² que se tornou público no dia 14 de maio de 2005, quando a imprensa divulgou uma gravação de vídeo na qual o ex-chefe do DECAM/ECT, Maurício Marinho, solicitava e também recebia vantagem indevida para, ilicitamente, beneficiar um falso empresário: o advogado curitibano, Joel Santos Filho, (denunciante da corrupção), que, para colher prova material do crime, se passou por empresário, interessado em negociar¹³ com os Correios.

O escândalo do mensalão, de fato, faz ressurgir o enunciado “a esperança venceu o medo”, nos textos acima. No entanto, desta vez, o referido enunciado provoca outros sentidos: não se trata, puro e simplesmente, de enfatizar a vitória da “esperança” (do PT), como fez, em seu Discurso de Posse, o presidente eleito em 2002, mas de colocar em dúvida essa vitória. Trata-se de uma tentativa de apagamento dessa memória histórica. Dizer que “a esperança venceu o medo” e, na sequência, enfatizar que “a corrupção matou a esperança” é também dizer que eleger Lula não foi a melhor opção. No mesmo sentido, tem-se o enunciado a seguir:

10- “Um país em mudança, mudança de que?”

A esperança venceu o medo. A frase soava em uma só voz após a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva nas eleições de 2002. Foi um fato histórico. No Brasil, este imenso país tropical, "adormecido em berço esplêndido" havia acordado para construir uma nova história. Dois anos e meio depois uma enxurrada de denúncias coloca o país de cabeça para baixo. O PT está no poder, mas a história não mudou como gostaríamos. Os escândalos trocaram de cor. O amarelo plumagem virou vermelho reluzente. Na história desta república, **a esperança às vezes vence o medo**, mas a desilusão é quase sempre o porto de chegada”¹⁴. (grifos meus)

¹² Escândalo do mensalão ou Esquema de compra de votos de parlamentares é o nome dado à maior crise política sofrida pelo governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em 2005/2006 no Brasil.

¹³ Na negociação então estabelecida com o falso empresário, Maurício Marinho expôs, com riqueza de detalhes, o esquema de corrupção de agentes públicos existente naquela empresa pública, conforme se depreende da leitura da reportagem divulgada na revista *Veja*, com a capa *O vídeo da corrupção em Brasília*, Edição de 18 de maio de 2005, com a matéria *O Homem Chave do PTB*, referindo-se a Roberto Jefferson, o homem por trás do esquema naquela estatal. Segundo o Procurador Geral da República, Antônio Fernando Barros e Silva de Souza, na Denúncia Oficial que apresentou e foi acolhida pelo Supremo Tribunal Federal, o ex-deputado Federal Roberto Jefferson, então Presidente do PTB, acuado, pois o esquema de corrupção e desvio de dinheiro público, com a divulgação do vídeo feito por Joel Santos Filho estava focado, em um primeiro momento, em dirigentes dos Correios indicados pelo PTB, resultado de sua composição política com integrantes do Governo, divulgou, inicialmente pela imprensa, detalhes do esquema de corrupção de parlamentares, do qual fazia parte, esclarecendo que parlamentares que compunham a chamada "base aliada" recebiam, periodicamente, recursos do Partido dos Trabalhadores em razão do seu apoio ao Governo Federal, constituindo o que se denominou como mensalão. (Revista VEJA. Editora Abril, edição de 18 de maio de 2005)

¹⁴ Artigo de opinião publicado no site www.portalcastanhal.com.br, por Rogério Bulhões Costa, jornalista e diretor do jornalismo RTP Castanhal

A discursivização do enunciado “a esperança venceu o medo” produz um deslocamento na regularização anterior e, assim, engendra retroativamente outra série de implícitos, ocasionando a desautorização de um sentido já formulado. A enunciação atual resgata a enunciação original, mas também instaura e sustenta sentidos que intervêm e modificam o “já dito”. Nesse caso, a enunciação atual cria uma nova tradição, isto é, filiação de sentidos, (re)significa o que veio antes e institui aí uma memória outra. Trata-se de pôr em evidência que o “medo” enunciado pelas posições-sujeito antagônicas ao PT em 2002, não era infundado, tinha razão de ser, já que a corrupção estaria vencendo a “esperança”.

Essa característica lacunar do discurso tem a ver com a alteridade constitutiva do dizer, mas também com *o vir a ser* do discurso – é ela que possibilita falar em dispersão, deslocamento, deslizamento, reinscrição, (re)significação, (re)atualização de saberes. O enunciado “a esperança venceu o medo” funciona como o *vir a ser* em relação à discursividade instaurada nos processos eleitorais de 1989, 1994, 1998 e 2002, mas, como se trata de um processo discursivo, também aponta para um novo (*de*)*vir*, um novo dizer (a declaração de Moroni e o destaque enunciativo de *Veja*, são bons exemplos), produzindo, portanto, a possibilidade do múltiplo e a compreensão da incompletude do texto e, consequentemente, do discurso.

No domínio de atualidade (COURTINE, 2009), encontram-se os discursos aos quais os excertos acima fazem eco. Tanto a declaração do deputado Moroni Torgan quanto o destaque enunciativo de *Veja* dialogam com saberes discursivizados durante as campanhas eleitorais disputadas por Lula. Há aí o “retorno do mesmo no outro”, atestando a incompletude de todo e qualquer discurso, tanto pela discursividade anterior quanto pela futura. Por se inscrever em um processo discursivo, o enunciado em análise gera efeitos de sentido pontuais, mas também provoca novos sentidos. Ou, dizendo de outro modo, “a esperança venceu o medo” retoma e sintetiza toda e qualquer manifestação discursiva em que o sentimento de “medo” em relação ao PT e a Lula se fizeram presente, ao longo das eleições presidências, ao mesmo tempo em que abre a possibilidade para novos sentidos. Isso é possível porque as palavras são portadoras de memória: elas são, como disse Bakhtin (2004), “habitadas” [temporariamente] pelos sentidos e pelos contextos que elas encontraram.

Os discursos referidos são, assim, atravessados pela memória do dizer, que intervêm como um discurso transversal, que irrompe no cruzamento de discursos, sob outra formulação. Um discurso que provém do interdiscurso e, em regra, “aparece” de forma não explícita, “um elemento irrompe no enunciado do sujeito enunciativo do discurso como se tivesse sido pensado antes, em outro lugar, independentemente”. (PÊCHEUX 1995, p. 156). Em síntese, é uma espécie de “presença-ausente”, efeito da não linearidade e da dispersão dos discursos e dos sujeitos. E esse entrecruzamento de discursos vai determinar a elaboração de novos sentidos, transformações, sentidos que deslizam, que se (re)significam.

Essa (re)atualização do dizer nós leva ao que diz Foucault, no sentido de que um enunciado,

ao mesmo tempo que surge em sua materialidade, aparece com um estatuto, entra em redes, coloca-se em campos de utilização, oferece-se a transferências e a modificações possíveis, integra-se em operações e em estratégias em que sua identidade se mantém ou se apaga. (FOUCAULT, 1986, p. 131-2).

O reaparecimento do enunciado “a esperança venceu o medo”, alguns anos depois de sua irrupção, chama a atenção para o fato de que toda produção discursiva, que se efetua nas condições determinadas de uma conjuntura, movimenta, isto é, faz circular, transforma formulações anteriores, já enunciadas.

Compreender a dinâmica desse enunciado requer que tomemos como pertinente a esta análise a afirmação de Courtine (2006) “o discurso político é um lugar de memória”. Para Courtine, há no discurso político um sistema de conservação do arquivo, uma rede de difusão que permite fazer ressurgir os enunciados, tornando-os, uma vez mais, disponíveis, quando as necessidades de luta os reclamarem. Assim, há enunciados que permanecem em vigília, dos quais podemos até perder a memória, e que, no entanto, não estão dissipados, podendo reaparecer, quando for necessário. Em contrapartida, existem outros repetidos sem interrupção, que, de repente, desaparecem, sem praticamente deixar vestígios. Frequentemente, eles são os mesmos.

Essa memória “pletórica” e lacunar é, segundo Courtine (2006, p.88), um traço característico de todas as organizações concebidas sobre um modelo político. Na política, “a memória é um poder: ela funda uma possibilidade de se exprimir, ela abre um direito à fala, ela possui, até mesmo, um valor performativo de proposição eficaz”. Ou seja, nas organizações políticas, os enunciados são recobertos com o peso da tradição, que os inscrevem numa série de sentidos e de razão, que ancora a volatilidade das palavras com o chumbo da lembrança.

Para mim, as formas da memória política se inscrevem na modalidade de existência do enunciado “a esperança venceu o medo”. Isso implica dizer que, por meio de sua enunciação, alguns discursos devem ser lembrados, repetidos, retomados e isso coage consideravelmente a sua forma. Em outros termos, a cada novo acontecimento o “já-dito” é (re)atualizado. É, dessa forma, que surgem novos enunciados ou que enunciados antigos possam ser (re)significados. A campanha eleitoral de Dilma Rousseff-PT, em 2010, por exemplo, (re)atualiza os sentidos de “a esperança venceu o medo”. O enunciado que marcou a vitória de Lula em 2002 tornou-se uma espécie de grito de guerra que embalou a campanha de Rousseff, tornando-se presente não só na boca da candidata, mas também de seus aliados partidários, incluindo aí o próprio presidente Lula, que, por inúmeras vezes, não se cansou de repetir o que já havia enunciado em 2002:

- 11- “Em 2002, eles disseram que se o presidente Lula ganhasse a eleição seria o caos. Naquela época, foi **a esperança do povo que venceu o medo** que queriam instilar. Agora eles destilam ódio e **ao ódio vamos responder novamente com esperança**”;¹⁵
- 12- “Em 2002, nós usamos a seguinte expressão: **a esperança venceu o medo**. Agora, nós usamos uma outra: **a esperança e amor pelo povo brasileiro**”;¹⁶
- 13- “A esperança venceu o medo e a verdade vai vencer a mentira”;¹⁷

¹⁵ Declaração de Dilma Rousseff, sobre os ataques do PSDB ao PT, em entrevista ao Jornal *Bol Notícias*.

¹⁶ Declaração de Dilma Rousseff, ao visitar o elevador construído com recursos do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) no complexo do Cantagalo/Pavão-Pavãozinho, na zona sul do Rio.

¹⁷ Declaração do então presidente Lula a favor da candidata petista, Dilma Rousseff.

14- “O ódio é como uma droga: entrar é fácil, mas sair é difícil. Eu não entro. (...). Não vou baixar por nada nesse mundo o nível da campanha, nem usar esse tipo de artifício. **Acho que dessa vez, além da esperança vencer o medo, também vai vencer o amor pelo Brasil**”,¹⁸

15- “**A esperança venceu o medo e a verdade vencerá a mentira**”,¹⁹

O discurso do “medo” e da “esperança”, constitutivo das práticas discursivas eleitorais de 1989, 1994, 1998 e 2002, se inscreve e se repete na história materialmente, instaurando não só espaços do repetível, mas também cadeias parafrásticas que constroem, organizam e reconfiguram-no por um processo de rearranjo discursivo. No discurso da então candidata petista, Dilma Rousseff, o enunciado “a esperança venceu o medo” desliza para “A esperança vai vencer o ódio”²⁰; “A verdade vai vencer a mentira”²¹; “Esperança e amor vencem o ódio”²²; “O amor vai vencer o medo”²³; “A esperança, mais uma vez, vem vencendo o medo”²⁴; “A esperança vencerá o ódio”²⁵. Dessa forma, a relação “mesmo”/ “outro” está sempre em jogo, sempre em movimento. Os efeitos provocados pela homogeneidade lógica estão sempre em tensão com o “outro” na mesmice imaginária, no suposto círculo vicioso de repetições. Por isso mesmo, essas cadeias parafrásticas não são estáticas ou plenamente sinonímicas, elas se movimentam no fio do discurso (re)configuradas pela/na história.

Desses movimentos de sentidos, impulsionados por essas cadeias, estruturam-se as formações discursivas, daí constituindo-se matrizes do sentido que caracterizam a especificidade do enunciado “a esperança venceu o medo”. Por meio das paráfrases é possível notar o entrecruzamento intradiscursivo e interdiscursivo, provocando as oscilações e os “outros” no processo discursivo. Assim, aquilo que escapa do dizer, dentro do mesmo dizer, desconstrói suas trilhas para, contudo, construir outras sempre possíveis. Seguindo essa reflexão, “a esperança venceu o medo” faz emergir, no fio do discurso, uma multiplicidade de sentidos, como é o caso de todos os discursos que se encontram na base do enunciado em estudo.

A ordem de sintagmatização dos elementos no intradiscorso de uma sequência discursiva aparece de novo, nos exemplos arrolados, como regulada pela própria estrutura do interdiscorso: o fato para este ou aquele elemento aparecer em primeiro lugar, como tema de frase, não depende, de forma alguma, dos atos, escolhas ou decisões de um sujeito enunciatador, mas, exatamente, de uma configuração determinada de saber no interdiscorso, na instância do que se denomina “a exterioridade do enunciável.” (MAINGUENEAU, 2005).

É essa “exterioridade do enunciável” que determina para o interdiscorso os efeitos de sentidos do enunciado “a esperança venceu o medo”. O discurso do “medo”, inscrito nesse enunciado, ganha novas configurações a cada processo eleitoral em que ele se manifesta: em 1989, enunciado por posições-sujeito inscritas em formação discursiva antagônica ao PT,

¹⁸ Declaração de Dilma Rousseff ao jornal *O Estadão* (25/09/2010)

¹⁹ Declaração de Lula durante o *HEGTV*, 28/09/2010.

²⁰ Manchete do jornal *DN Globo*, 27/09/2010.

²¹ Declaração de Lula durante o *HEGTV*, 28/09/2010.

²² Manchete do jornal *Arenápolis News*, 04/10/2010.

²³ Manchete do jornal *O Estadão*, 25/09/2010.

²⁴ Manchete do jornal *Globo*, 25/03/2010.

²⁵ Manchete do jornal *Bol Notícias*, 24/09/2010.

tinha uma estreita relação com o “desejo” de não permitir que o PT chegasse ao poder. O “medo” era do “despreparo político” de Lula; de sua “falta de experiência”; de sua “imagem de radicalista”; da “militância do PT”; do socialismo pregado no discurso de Lula. Em 1994, o “medo” era de apostar no novo e cometer o mesmo erro de 1989, com a eleição de Collor; “medo” da “falta de escolaridade” de Lula; “medo” do PT não conseguir estabelecer as alianças políticas necessárias; “medo” de que o candidato petista fechasse as igrejas evangélicas; “medo” do PT não conseguir controlar a inflação; “medo” da crise internacional e da “falta de habilidade” de Lula para com estas questões. Em 1998, o “medo” foi, de fato, utilizado para manter a política como estava; “medo” de que Lula mexesse no Plano Real; “medo” do caos político e econômico; “medo” do chamado “Risco Brasil”.

Em 2002, o “medo” era da instabilidade econômica e política do país; “medo” do Brasil se tornar uma Argentina ou uma Venezuela; “medo” da crise econômica; da inflação disparar; “medo” do desemprego; “medo” do “sobe” e “desce” das bolsas de valores; “medo” do vermelho do “comunismo”, “medo da reforma agrária”, “medo do despreparo acadêmico do candidato”, “medo da falta de experiência política”. Ou seja, naquelas condições de produção, reacendia-se o preconceito que o PT enfrentou nos primeiros anos de sua história.

Em 2005, proferido por posições sujeito antagônicas ao PT, a posição do deputado do PFL, Moroni Torgan e da Revista *Veja*, o “medo” era da corrupção instaurada; “medo” da crise econômica; “medo” da queda dos ministros; “medo” do caos político. Enfim, demonstrava-se que o discurso do “medo”, disseminado nas práticas discursivas eleitorais, tinha uma certa razão de existir, já que a corrupção, segundo essas posições, estaria vencendo o discurso da “esperança”. E, em 2010, o “medo” estava relacionado ao “amordaçamento da imprensa”; à crise econômica; à possível eleição de uma mulher ao cargo de presidente do Brasil; à falta de políticas externas. Enfim, “medo” de que, por ser do sexo feminino, Dilma não conseguisse governar o país. Os diferentes efeitos de sentido que o enunciado “a esperança venceu o medo” põe a circular me leva a afirmar, juntamente com Pêcheux, que

(...) toda descrição – quer se trate da descrição de objetos ou de acontecimentos ou de um arranjo discursivo-textual não muda nada, a partir do momento em que nos predemos firmemente ao fato de que “não há metalinguagem” – está intrinsecamente exposta ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis oferecendo lugar a interpretação. (PÊCHEUX, 2006, p.53)

O que torna possível a compreensão dos múltiplos sentidos de “a esperança venceu o medo”, nos diferentes contextos, é a sua pregnância, ou seja, é a sua capacidade de gerar “indefinidamente” novos sentidos. O referido enunciado é sempre atualizado, por isso, outros sentidos são possíveis ou, no mínimo, são (re)atualizados. Para fazer deslizar os sentidos, “a esperança venceu o medo” aciona redes de memória, como os discursos inscritos, sobretudo, nas práticas discursivas anti-PT nas últimas eleições presidenciais.

Esses deslizamentos produzem efeitos sobre os enunciados, instaurando polêmicas e, ao mesmo tempo, fazendo retornar formulações anteriores. Os efeitos de sentido são

produzidos a partir da recorrência das palavras “medo” e “esperança” e pela forma como elas aparecem dispostas nos enunciados. São procedimentos discursivos que trabalham a memória e fazem essas sequências integrarem-se a redes de outras formulações e constituírem outros sentidos. Esse incessante trabalho discursivo com a memória recoloca e descoloca sentidos. Sendo assim, o enunciado “a esperança venceu o medo” pode ser utilizado tanto no sentido de “apologizar” a vitória de Lula (caso de todas as retomadas discursivas na campanha de Dilma Rousseff, em 2010) quanto no de depreciá-la (caso dos enunciados produzidos quando do escândalo do mensalão). Isso atesta o fato de que os sentidos estão sempre à deriva, no entanto, podem ser compreendidos porque atualizam, isto é, estabilizam/desestabilizam a memória discursiva. Em outros termos, a instalação de novas representações da sequência ora analisada não elide a coexistência dos sentidos tradicionais: como um “nó em uma rede” (FOUCAULT, 1986). Cada nova formulação se relaciona com outras séries de formulações, com outros trajetos que se cruzam e constituem sentidos por meio da reativação da memória.

1.3 Do acontecimento histórico ao acontecimento discursivo

Considerando o exposto nas seções anteriores, podemos dizer que a discursividade instaurada no enunciado “a esperança venceu o medo” torna-se um acontecimento. O discurso do “medo” e da “esperança” acontece sempre no interior de uma série de outros discursos, com os quais estabelece relação, deslocamentos, vizinhança. Logo, não se trata somente da natureza dos termos empregados, mas também e, sobretudo, das construções nas quais esses termos se combinam, na medida em que eles determinam a significação. “A esperança venceu o medo” funciona, assim, em lances de ilusões a discursos anteriores e inscrevem, então, no fio horizontal do texto, os discursos transversais que reenviam a domínios de memória diferentes. Ou, dizendo de outro modo, “a esperança venceu o medo” se inscreve em um processo discursivo que o determina sob a forma dos elementos “pré-construídos”, isto é, produzidos em outros discursos anteriores a ele e independentemente dele, que se reproduzem por ele sob a determinação de interdiscurso. Dessa forma, o referido enunciado é, no contexto que o originou, a memória das linhas unitárias de um discurso primeiro, um discurso “outro”, um “já lá”, que é chamado a significar no espaço discursivo que o promoveu.

Isso significa dizer que o enunciado “a esperança venceu o medo” não tem valor em si mesmo. Ao derivar de uma formação discursiva à outra, de uma posição sujeito à outra, os sentidos deslizam, portanto, sua utilização sempre pode significar um novo acontecimento. O sentido não se esgota na materialidade linguística: ou seja, não está atrelado, exclusivamente, a sua composição verbal, mas tem a ver, sobretudo, com a “exterioridade” a sua volta. Dessa forma, o sentido sempre pode ser outro, conforme atestam as análises dos exemplos arrolados, a seguir:

16- “A esperança venceu o medo”, diz Dilma, referindo-se à Petrobrás”;²⁶

17- “MALUF na cadeia: a esperança venceu o medo”;²⁷

²⁶Título de artigo, publicado no jornal *Folha de S. Paulo* site www1.folha.uol.com.br/foha/brasil/ult96u54046.shtml, em 03/10/ 2003;

²⁷ Título de artigo, site www.ilhabrasilnet.com.br, sobre a prisão de Maluf, em 14/09/2005;

- 18- “Rio 2016: a esperança venceu o medo?”²⁸
- 19- “A esperança venceu o medo: o time mais ofensivo foi premiado em Erechim?”²⁹
- 20- “José Alencar: a esperança venceu o medo”;³⁰
- 21- “A esperança venceu o medo: Salvador terá trilhos na paralela”;³¹
- 22- “Cesar: a esperança venceu o medo”;³²
- 23- “E, mais uma vez, a esperança venceu o medo”;³³
- 24- “A esperança venceu o medo: Lula agradece apoio e anuncia volta a política”;³⁴
- 25- “A esperança venceu o medo: o supremo avançou mais uma vez”³⁵;

Os exemplos citados evidenciam que os sujeitos enunciadore, inscritos em diversas formações discursivas, fazem (re)emergir o enunciado “a esperança venceu o medo”, ao interpretar acontecimentos diversos: o crescimento da produtividade da Petrobrás, em 2003, (16); a prisão de Maluf, em 2005, (17); a vitória do Brasil na concorrência para sediar as Olimpíadas, em 2009, (18); a vitória do Internacional sobre o Grêmio, em (19); a luta do então vice-presidente da República, José Alencar, contra a doença do câncer, em 2011, (20); a construção de uma linha de ferro em Salvador, em 2011, (21); a recuperação do zagueiro Cesar, em 2011, (22); o resultado da primeira seção de quimioterapia no ex-presidente Lula, em 2012, (23); o fim do tratamento contra o câncer e a volta de Lula à política, em 2012, (24); a aprovação do sistema de cotas raciais pelo Congresso, em 2012, (25).

Embora tais enunciados se constituam a partir da mesma materialidade linguística: “a esperança venceu o medo”, eles não representam os mesmos objetos e, tampouco, produzem os mesmos efeitos de sentidos. A meu ver, o referido enunciado simboliza, para seus habitantes temporários, certo jogo que há em suas existências cotidianas: ele se reveste de uma virtude emblemática, antes de qualquer coisa, feita de esperanças e temores. De fato, o enunciado, cuja irrupção se associa ao evento histórico da eleição de Lula em outubro de 2002, ganha novas configurações discursivas. Quando de sua irrupção, ele se impôs a todos como um remédio (a quase todos, menos para a extrema-direita), causando um efeito de “fim” sobre o discurso do “medo”. Entretanto, como bem demonstram os exemplos arrolados, paralelamente, a essa retomada massiva na superfície linguística, o enunciado em questão vê seu sentido se dispersar para outras conjunturas discursivas. Não se trata mais de retomar o discurso do “medo”, inscrito nas práticas discursivas dos partidos de oposição ao PT, mas de (d)enunciar a vitória da “esperança” sobre quaisquer acontecimentos. Encontra-se aí um fator essencial ao qual toda análise de discurso se encontra confrontada: “que as palavras possam,

²⁸ Título de artigo sobre as Olimpíadas de 2016, *site* www.yougol.com.br, em 02/10/2009;

²⁹ Chamada principal, *site* de esportes LanceNet www.lancenet.com.br (09/02/2009)

³⁰ Chamada principal sobre a luta de José Alencar contra o câncer, *site* www.unimed.com.br, em 29/04/2011;

³¹ Título de artigo sobre a construção de uma linha de ferro que liga o município Lauro de Freitas e Salvador, *site* www.mobilidadeurbana.com.br, 22/06/2011;

³² Chamada principal sobre a cirurgia para tratar o rompimento do ligamento do joelho do zagueiro César do Sport, www.blogdotorcedo.com.br, 20/09/2011;

³³ Título de artigo sobre o resultado da primeira seção de quimioterapia realizada em Lula, *site* www.pensamentosdesconexos.com.br, 14/12/2011

³⁴ Chamada principal sobre o fim do tratamento contra o câncer e a volta de Lula à política, *site* www.zelima.com.br, 28/03/2012

³⁵ Título de artigo sobre a deliberação do Supremo Tribunal a respeito das cotas raciais nas universidades públicas, *site* www.fazendomedia.com, 02/05/2012;

por vezes, revestir o mesmo sentido, que outras vezes, elas possam mudar o sentido, em função das posições daqueles que as empregam”. (COURTINE, 2006, p.100).

Vale destacar que o enunciado “a esperança venceu o medo”, em razão de sua constante circulação midiática, logo dá origem a uma série de derivados, fenômeno que pode ser relacionado à produtividade morfossintática, como bem ilustram os exemplos, aqui, retomados:

26- “A esperança venceu a mídia”;³⁶

27- “A decepção vencendo a esperança”;³⁷

28- “A esperança venceu o medo, a **confiança vence a baixaria**”;³⁸

29- “Em 2002, a esperança venceu o medo; em 2010 **a esperança vai vencer a mentira**”;³⁹

30- “A confiança também venceu o medo”;⁴⁰

31- “O dia que a esperança venceu o terror”;⁴¹

Em todos os casos, as ocorrências preservam as mesmas relações de participação dos objetos no processo descrito. Ou seja, os enunciados acima são paráfrases não porque significam de forma semelhante, ou porque a construção sintática seja parecida, mas porque, na situação de uso, traduzem a mesma intenção do locutor e visam obter aos mesmos resultados, informar de forma rápida e concisa o resultado de algum acontecimento: a ocorrência (26) interpreta negativamente o efeito Lula sobre a imprensa brasileira; a de número (27) refere-se à decepção do povo brasileiro em relação à esperança depositada no governo Lula; as ocorrências (28 e 29) interpretam positivamente o discurso de Dilma Rousseff, quando dos ataques de José Serra; a de número (30) significa o resultado da eleição presidencial de 2010. A sequência de número (31) enfatiza a vitória das forças armadas sobre o tráfico, no Complexo do Alemão. Vitória da “esperança” sobre os traficantes, qualificados aí como “terror”.

A recorrência do enunciado “a esperança venceu o medo” faz ver a dinâmica da língua. Por meio de uma sequência relativamente estável do ponto de vista linguístico, os sentidos derivam, retornam com uma memória diferente e outras colorações na mídia, remetendo-as a circuitos revestidos de sentidos recentemente adquiridos, mas amputados pelos sentidos que se perderam pelo caminho, a serviço da visada pragmática ou em função dos gêneros jornalísticos em que são mobilizados. Eles supõem mais que uma memória das controvérsias que lhe são exteriores:

à medida que aumenta o *corpus* de suas próprias enunciações, com o passar do tempo e com a sucessão das gerações de enunciadores, vê-se desenvolver uma memória polêmica interna. Dessa forma, o discurso é mobilizado por duas tradições: a que funda e a que ele mesmo, pouco a pouco, instaura. Ao

³⁶ Manchete de jornal, O documento www.odocumento.com.br, em 30/10/2006.

³⁷ Título de artigo, *blog* Jilberto Sales www.jobertosales.wordpress.com, em 21/08/2010

³⁸ Chamada principal *site* Os Amigos do Presidente Lula www.osamigosdopresidentelula.blogspot.com.br, em 19/09/2010

³⁹ Manchete do jornal Gazeta Digital, em 31/10/2006.

⁴⁰ Título de artigo, *site* Diário Digital de um poeta historiador www.rotamogiana.com (31/10/2010)

⁴¹ Título de reportagem, revista Veja, em 28/10/2010.

cabo de um certo tempo, é inevitável que parte da tradição interna atinja o mesmo estatuto da primeira, ganhando autoridade necessária para as produções de seus enunciadores. (MAINGUENEAU, 1997, p.125)

Essas duas “tradições”, “a que funda e a que ele mesmo instaura”, garantem autonomia de sentido ao enunciado “a esperança venceu o medo” em relação ao texto de origem. Permitindo-lhe ser utilizado por diversos enunciadores, inscritos em diferentes formações discursivas. A flexibilidade do enunciado, “a esperança venceu o medo”, atesta o fato de que ele comporta também um caráter de “acontecimentalidade” discursiva, pois tem a capacidade de (re)criar, em cada uma de suas aparições, distintos acontecimentos históricos.

Nesse sentido, “a esperança venceu o medo” lembra “on a gagné⁴²” (discutido por Pêcheux em *Discurso: estrutura ou acontecimento*, 1983/2006), um grito de torcedores que migra do campo esportivo para o político, quando proferido por eleitores na rua, após a vitória de François Mitterrand nas eleições francesas de 1981⁴³. Entretanto, não poderíamos deixar de comentar uma diferença em particular: enquanto “on a gagné” migra do campo esportivo para o político, o percurso do enunciado “a esperança venceu o medo” é deveras diferente, isto é, ele sai do campo político para circular em outros campos (esportivo, religioso, econômico, jornalístico etc). Embora o fenômeno seja, aqui, menos notório, sua lógica é a mesma: o enunciado atravessa os limites dos campos e sofre, quando é o caso, adaptações: a substituição de “medo” por “terror”, por exemplo, na sequência “A esperança venceu o terror” vai muito além das imposições enunciativas, ela preserva o caráter do enunciado, ao mesmo tempo em que explora os recursos linguísticos.

Assim como “on a gagné”, “a esperança venceu o medo” é percebida como um acontecimento discursivo, isto é, “o ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 2006, p. 19). Em sua formulação, encontram-se marcas do discurso “outro” que fazem ressurgir o interdiscurso no espaço da memória. Isso implica dizer que, para significar, a sequência em análise se constrói sobre discursos “já ditos” e, é isso, que faz com que o discurso “já lá” se constitua sempre em um novo discurso.

Trazer à tona o discurso “já lá” de “a esperança venceu o medo” é essencial à sua compreensão, pois os usos linguísticos não têm sentido em si mesmos. Numa análise estrita do formal, o enunciado “a esperança venceu o medo” poderia ser compreendido como uma espécie de “aerólito miraculoso”, independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe, e a língua uma variante antropológica a-histórica. Apagar a dimensão histórica e pragmática da língua é, no entendimento de Baronas (2011),

⁴² Para Pêcheux, (2006), a materialidade discursiva desse enunciado coletivo é absolutamente particular: ela não tem nem o conteúdo nem a forma nem a estrutura enunciativa de uma palavra de ordem de uma manifestação ou de um comício político. “On a gagné” [Ganhamos], cantado com um ritmo e uma melodia determinados (on-a-gagné / dó-dó-sol-dó) consitui a retomada direta, no espaço do acontecimento político, do grito coletivo dos torcedores de uma partida esportiva cuja equipe acaba de ganhar. Este grito marca o momento em que a participação passiva do espectador-torcedor se converte em atividade coletiva gestual e vocal, materializando a festa da vitória da equipe, tanto mais intensamente quanto ela era mais improvável. (op.cit, 21)

⁴³ Esse acontecimento que apareço como o “global” da grande máquina televisiva, este resultado de uma super-copa de futebol político ou de um jogo de repercussão mundial (F. Mitterrand ganha o campeonato de Presidência da França) é o acontecimento jornalístico e da mass-media que remete a um conteúdo sócio-político ao mesmo tempo perfeitamente transparente (o veredito das cifras, a evidência das tabelas) e profundamente opaco. (PÊCHEUX, 2006, p.19-0)

sonegar que, nesses usos, há interlocutores (políticos e eleitores; jornalistas e leitores) e estes são situados na sociedade, inoculados de historicidade com suas ideologias, projetos políticos, histórias. Sobretudo, é sonegar que eles constroem seus significados a partir de algo que foi pensado antes, independentemente deles, com o objetivo de agir na sociedade. (BARONAS, 2011, p.33)

A consideração do caráter histórico na produção dos sentidos, bem como o fato de sua manifestação midiática estar sempre associada a uma “acontecimentalidade discursiva”, me leva a ver o enunciado “a esperança venceu o medo” como uma espécie de “sequência natural”, um significante único, ou uma unidade semântica que, como vimos, ecoa um discurso anterior. Trata-se de um enunciado “habitado”/“povoado” de sentidos dados pelos outros, isto é, ocupado por outros discursos, o que, a meu ver, põe um problema para quem o emprega, porque se trata de uma formulação socialmente marcada.

Um breve efeito de fim...

No decorrer deste estudo, busquei descrever e analisar as distintas ocorrências do enunciado “a esperança venceu o medo” na mídia brasileira contemporânea. O caminho percorrido torna evidente que a manifestação discursiva desse enunciado ultrapassa não só os limites do campo político, mas também as fronteiras do tempo e do espaço. Trata-se de uma unidade não-tópica do tipo percurso que, por sua vez, transita por diferentes campos e lugares discursivos, interpretando, ao longo do tempo, uma gama muito grande de acontecimentos.

Ao tomar o referido enunciado em sua relação com o “exterior”, isto é, em relação ao conjunto de discursos possíveis, foi possível verificar a presença de discursos outros em sua constituição e salientar a relevância desses discursos na produção/circulação de sentidos. É fato que “a esperança venceu o medo” produz sentidos específicos para situações específicas: quando de sua irrupção midiática, no discurso presidencial, dá um efeito de fim ao discurso do “medo” alimentado/retroatimentado pelos adversários políticos do então candidato petista nas eleições que disputou, mas aí não se esgota: por se inscrever em um processo discursivo, “a esperança venceu o medo” responde a um discurso anterior, a um “já dito”, ao mesmo tempo em que também aponta para novos discursos. Trata-se, portanto, de um enunciado dialógico, cujos sentidos não se deixam prender na materialidade linguística. Sendo assim, o enunciado em questão sempre pode significar/interpretar um novo acontecimento. É o que demonstram os exemplos arrolados e as análises empreendidas.

O enunciado “a esperança venceu o medo” foi/é mobilizado tanto por enunciadores que acredita(ra)m na extinção do “medo” (quando da vitória de Lula-PT) quanto por enunciadores que desacreditavam na vitória da “esperança”. O que é mais evidente é que o referido enunciado é recebido e posto a circular, segundo o posicionamento dos que o ouviram/ouvem. Os que desaprova(ra)m Lula dirigiram/dirigem-no (em um processo de subversão, MAINGUENEAU, 2006), a interlocutores que teriam o mesmo posicionamento – os representantes dos partidos de oposição, tais como: o ex-deputado Moroni Torgan, a revista *Veja*, ou ainda aqueles que, simplesmente, compactuam do mesmo sentimento. Já os que

apoiam Lula – mobiliza(ra)m-no em um processo de captação, como fez Dilma Rousseff, a então candidata do PT, na campanha eleitoral de 2010.

Vale lembrar que não é somente no campo do político que esse enunciado ganha lugar de destaque. Ele vem sendo retomado e comentado não só por profissionais das mídias, mas também por líderes políticos, autoridades públicas e pessoas comuns, de modo geral. É sempre muito recorrente a sua circulação em diferentes gêneros discursivos e em diferentes suportes midiáticos: desde a chamada imprensa culta (jornais e revistas diários e semanais) aos programas de informação popularizados, tais como: fóruns de discussão, *blogs*, *twitters*, *facebook*s etc. Este estudo demonstra que ele foi imediatamente mobilizado por muitos sujeitos enunciadore e por sujeitos enunciadore de todos os tipos e posicionamentos, e também para ocasiões diversas. Se, por um lado, a maior parte das intervenções, logo após o pronunciamento de Lula, o “interpreta” como uma alusão ao discurso de posse de Lula, por outro, com a imediatez dos acontecimentos e das informações, o enunciado pôde sair do campo político (lugar de origem) e frequentar outros textos, outras conjunturas discursivas.

A meu ver, ao longo de dez anos de circulação, o enunciado “a esperança venceu o medo” produziu a junção entre pelo menos três movimentos discursivos:

a) um que valoriza a política do PT e, particularmente, a de Lula, defendendo a ideia de que o “medo” não tem espaço no mandato da “esperança”. Sob esse viés argumentativo, “a “esperança” definitivamente teria vencido o medo” (enquadram-se aí todas as ocorrências que interpreta(ra)m positivamente a vitória de Lula em 2002);

b) outro que desqualifica essa política, em especial, o então presidente Lula, cuja idoneidade a mídia apresenta como sendo duvidosa, devido aos escândalos de corrupção que afloraram durante os seus dois mandatos. Nesse sentido, “a esperança venceu o medo” foi/é mobilizada para interpretar ironicamente o discurso de Lula e, ao mesmo tempo, colocar em dúvida se realmente “a esperança teria vencido o medo” (por exemplo, as ocorrências que interpretaram o escândalo do mensalão, em 2005);

c) e, por fim, um que vai além dos discursos políticos, transita por lugares diversos e pode se referir a uma gama muito grande de acontecimentos, sejam eles, políticos ou não (são bons exemplos, as ocorrências que interpreta(ra)m acontecimentos diversos: a prisão de Maluf; o resultado de uma partida de futebol; o estado de saúde do ex-vice-presidente José de Alencar; a pacificação do morro do Alemão; a renovação de votos de fé, pela igreja católica etc).

O caminho percorrido pela referida frase revela o seu lugar de produção, faz emergir os embates polêmicos, as contradições históricas nas quais ela se inscreve, bem como delimita zonas de consenso, linhas de fratura, colocando, mais uma vez, por meio da repetição de sua forma, sob o emprego de paráfrases, a questão da memória e da “acontencimentalização” discursiva.

Evidentemente, as manchetes e títulos de artigos chamam muito mais a atenção do leitor se se inscreverem sobre os discursos já ditos. Além disso, o fato de que, a cada vez mais, “tudo” ou “quase tudo” é citação, contribui bastante para que enunciados “citantes” e citados possam se disseminar não só por um breve período, mas por um tempo relativamente longo com uma capacidade ímpar de significar diferentes eventos sem se prender a nenhum deles. É conveniente lembrar que, ao se apropriar do efeito desses enunciados, o sujeito enunciador se esquiva de toda e qualquer responsabilidade do que enuncia, evitando, assim, inúmeros processos.

As análises empreendidas abrem caminho para que possamos refletir sobre a presença de enunciados destacados na mídia contemporânea, como a célebre frase proferida pelo presidente dos Estados Unidos, Barak Obama, no seu discurso de posse, em janeiro de 2009: “Yes, we can!” (Sim, nós podemos!). Assim como “a esperança venceu o medo”, essa “pequena frase” tem, constantemente, ganhado lugar de destaque nas declarações de importantes figuras do cenário político brasileiro, também por diversas ocasiões. O ex-presidente Lula, por exemplo, fez questão de proferi-la várias vezes, nos dois últimos anos de seu mandato. Destaco aqui o pronunciamento de 2009, quando o Brasil ganhou a concorrência para sediar as Olimpíadas de 2016. Na ocasião, Lula atualizou a afirmação de Obama, derivando o enunciado para “Sim, o Brasil pode!”. Não é só nas declarações de Lula que essa “pequena frase” se destaca, a presidente eleita em 2010, Dilma Rousseff-PT, em seu discurso de posse, que foi ao ar em Cadeia Nacional de Televisão, no dia 01 de janeiro de 2011, reatualizou a afirmação para “Sim, a mulher pode!”.

**“Hope overcame fear”- from a historical event to a discursive event:
one pathway, multiple meanings**

ABSTRACT: This study is focused on the discursive manifestation of the message “Hope overcame fear” in contemporary Brazilian media. Although we do not intend to outline all the meanings such message brings forth, as meanings are historicized in a different way at every occurrence, this work has a twofold goal: on the one hand, it tries to account for specific data in a non-topic unit of the move type. On the other hand, it attempts to describe and analyze the linguistic discursive functioning of constant manifestations in media discourse. Based on French Discourse Analysis, we show that such enunciation not only goes beyond political discourse (where it is originated), but also crosses time and space boundaries, bringing about tension of different types as it goes through media.

Keywords: move; discursive event, meaning effect.

Referências

BAKHTIN, M; VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud; Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004.

BARONAS, R.L. Enunciados de curta extensão: gênero de discurso, aforização, mídia e política. In: *Linguagem em (Dis)curso*. Vol. 11; São Carlos: Tubarão, 2011.

COURTINE, J-J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. [1983] Trad. Cristina de Campos Velho Birck, et. al. São Paulo-SP: EduFScar, 2009.

_____. *Metamorfose do discurso político: derivas da fala pública*. Trad. Milton Milanez; Carlos Piovezani Filho. São Carlos-SP: Claraluz, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. [1969]. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

_____. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2006.

KRIEG-PLANQ, A; OLLIVIER-YANIV, C. *Poser les petites phrases comme objet d'étude*. Paris: Langages, nº. 168, junho de 2011, p.17-22.

LULA, L. I. Primeiro Pronunciamento de Lula. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 27 de outubro de 2002. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u41590.shtml>, acesso em 10 de janeiro de 2012.

_____. Segundo Pronunciamento de Lula: *Compromisso com a mudança*. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 28 de outubro de 2002. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u41735.shtml>. Acesso em: 10 de janeiro de 2012.

_____. Discurso de Posse do presidente Lula no Congresso. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 03 de janeiro de 2003. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u44358.shtml>. Acesso em: 10 de janeiro de 2012.

MAINGUENEAU, D. Polifonia, provérbio e desvio. In: POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. (Orgs). *Doze conceitos em Análise do Discurso*. Trad. Adail Sobral et al. São Paulo-SP: Parábola, 2010.

_____. *Gênese dos discursos* [1984]. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Criar Edições, 2005.

_____. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Trad. Freda Indursky. Campinas: Pontes, 1997.

_____. Unidades tópicas e não-tópicas. In: POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. (Orgs). *Cenas da enunciação*. Trad. Sírio Possenti et al. Curitiba-PR: Criar, 2006.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*. [1975] Trad. Eni Pulcinelli Orlandi et.al. Campinas: UNICAMP, 1995.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento?* Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2006.

_____. Papel da memória. Tradução de José Horta Nunes. In: ACHARD, Pierre et al. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.

_____. Análise automática do discurso-(AAD-69). In: GADET, F e HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. [1971] 3. Ed. Campinas, SP: Unicamp, 1997.

SOUZA, M. I. “*A pequena frase a esperança venceu o medo*” na imprensa cotidiana brasileira: uma leitura discursiva. 2013. 253f. Tese (Doutorado em Linguística)- Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos-SP, 2013.

Data de envio: 23/04/2013

Data de aprovação: 12/08/2013

Data de publicação: 15/04/2014